



EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E SAÚDE DA POPULAÇÃO NEGRA: ENTRAVES DA BRANQUITUDE

*Raquel da Silva Silveira**
Victória Tolledo Munhóz
Letícia Ludovico Carvalho
Giorgia Fogaça Santos
Marina Helena Dias da Costa
Júlia Bem Padilha
Isadora Vieira Pinto da Silva

DOI: <https://doi.org/10.23901/1679-4605.2022v18n1p207-226>

RESUMO

A extensão universitária tem ampliado seu foco de atuação para o campo das relações raciais a partir das ações afirmativas. As iniquidades raciais na saúde da população negra passam a ocupar papel importante nas políticas públicas em virtude das lutas e conquistas dos movimentos negros. Fruto desses esforços, e, em consonância com a Constituição Federal e o Sistema Único de Saúde, em 2009 foi promulgada a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra. Contudo, a força do racismo que estrutura a organização da sociedade brasileira, segue produzindo impactos nas instituições, em especial nas universidades. No campo da saúde da população negra os desafios para sua consolidação nas práticas de ensino, pesquisa e extensão são muitos. Assim, este trabalho apresenta uma reflexão teórico-prática a partir das ações de extensão do projeto Saúde da População Negra e a Integração com os Serviços de Saúde, da Universidade Federal do Rio Grande Sul, no período de 2020-2021. O objetivo deste trabalho é discutir os entraves que o debate racial encontra por parte de docentes da saúde, também no campo da extensão universitária, sendo a branquitude um processo importante a ser analisado. Os referenciais teórico-metodológicos embasam-se na Psicologia Social, na Análise Institucional e nos Estudos das Relações Raciais. Propõe-se como analisador o relato de experiência de bolsistas do referido Projeto em evento nacional de extensão universitária, durante a pandemia do Covid-19, em 2021. A cena analisada foi uma roda de conversas para apresentação de trabalhos de extensão em um congresso nacional, realizado de forma virtual. Estavam presentes na sala uma professora-mediadora e os/as apresentadores/as de trabalhos. A maioria das pessoas presentes na sala era branca. A presença em espaços acadêmicos majoritariamente brancos é uma realidade vivida por estudantes negras(os) que produz um desconforto naturalizado, pois são forçados a se acostumarem com essa falta de representatividade na universidade. O debate analisado ocorreu entre a professora branca, as cinco apresentadoras (quatro negras e uma branca) e um estudante branco. A metodologia utilizada foi o registro em diários de campo para a posterior produção de análise crítica. Para explicitação dos marcadores sociais da diferença que produzem

* Pós-doutorada em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre/RS. E-mail: raquelsilveira43@gmail.com.

subjetivação e iniquidades raciais nas experiências de vida, utilizou-se o formato das *escrevivências*. Os resultados encontrados apontam a permanência de discursos acadêmicos que não reconhecem o racismo como uma determinação social em saúde, amparados pelo mito da democracia racial e da primazia de enunciados biomédicos. Além disso, explicitou-se a manifestação dos privilégios da branquitude em compactuar com o silenciamento de pessoas negras. Importante salientar que esta análise qualitativa se embasa na compreensão de que o posicionamento individual está inscrito na trama das relações sociais e institucionais. As falas individuais estão carregadas de relações de saber-poder, as quais foram possibilitadas pela produção de subjetividade que é sempre coletiva. Assim, tomamos essa situação-análise como representativa do que vivenciamos nas relações universitárias e da extensão. Apostamos na necessidade desta reflexão crítica e antirracista para contribuir com os estudos que se debruçam sobre os efeitos nefastos do racismo na vida de estudantes negras e negros.

Palavras-chave: Saúde da população negra. Extensão universitária. Branquitude.

UNIVERSITY EXTENSION AND HEALTH OF THE BLACK POPULATION: THROUGH WHITENESS

ABSTRACT

The university extension has expanded its focus to the field of race relations since the affirmative actions. Racial inequities in the health of the black population now play an important role in public policies due to the struggles and achievements of black movements. As a result of these efforts, and in line with the Federal Constitution and the Unified Health System, in 2009 the National Policy for the Comprehensive Health of the Black Population was enacted. However, the strength of the racism that structures the organization of the Brazilian society, continues to have an impact on institutions, especially universities. In the field of health for the black population, the challenges for its consolidation in teaching, research and extension practices are many. Thus, this work presents a theoretical-practical reflection based on the extension actions of the project Health of the Black Population and the Integration with Health Services, from the Federal University of Rio Grande Sul, in the period 2020-2021. The aim of this paper is to discuss the obstacles that the racial debate encounters on the part of health professors, also in the field of university extension, whiteness being an important process to be analyzed. Theoretical-methodological references are based on Social Psychology, Institutional Analysis and Studies on Race Relations. It is proposed as an analyzer the experience report of scholarship holders of the referred Project in a national event of university extension, during the pandemic of Covid-19, in 2021. The scene analyzed was a round of conversations for the presentation of extension works in a national congress, carried out in a virtual way. A teacher-mediator and the presenters of works were present in the room. Most of the people in the room were white. The presence in mostly white academic spaces is a reality experienced by black students that produces a naturalized discomfort, as they are forced to get used to this lack of representation in the university. The analyzed debate took place between the white teacher, the five presenters (four black and one white) and a white student. The methodology used was the recording in field diaries for the subsequent production of critical analysis. In order to explain the social markers of the difference that produce subjectivity and racial inequities in life experiences, the *escrevivências* format was used. The results found point to the

permanence of academic discourses that do not recognize racism as a social determination in health, supported by the myth of racial democracy and the primacy of biomedical statements. In addition, the manifestation of the privileges of whiteness in complying with the silencing of black people was made explicit. It is important to note that this qualitative analysis is based on the understanding that individual positioning is inscribed in the fabric of social and institutional relations. The individual speeches are loaded with knowledge-power relationships, which were made possible by the production of subjectivity that is always collective. Thus, we take this situation-analysis as a representative of what we experience in university and extension relations. We bet on the need for this critical and anti-racist reflection to contribute to studies that focus on the harmful effects of racism on the lives of black and black students.

Keywords: Health of the black population. University extension. Whiteness.

AMPLIACIÓN UNIVERSITARIA Y SALUD DE LA POBLACIÓN NEGRA: A TRAVÉS DE LA BRANQUITUD

RESUMEN

La extensión universitaria se ha expandido su enfoque al campo de las relaciones raciales desde las acciones afirmativas. Las inequidades raciales en la salud de la población negra ahora juega un papel importante en las políticas públicas debido a las luchas y logros de los movimientos negros. Como resultado de estos esfuerzos, y en línea con la Constitución Federal y el Sistema Único de Salud, en 2009 se promulgó la Política Nacional de Salud Integral de la Población Negra. Sin embargo, la fuerza del racismo que estructura la organización de la sociedad brasileña, sigue impactando a las instituciones, especialmente a las universidades. En el campo de la salud de la población negra, los desafíos para su consolidación en las prácticas de docencia, investigación y extensión son muchos. Así, este trabajo presenta una reflexión teórico-práctica basada en las acciones de extensión del proyecto de Salud para la Población Negra y la Integración con los Servicios de Salud, de Universidad Federal de Rio Grande Sul, en el período 2020-2021. El objetivo de este trabajo es discutir los obstáculos que encuentra el debate racial por parte de los profesores de salud, también en el campo de la extensión universitaria, siendo la blancura un proceso importante a analizar. Las referencias teórico-metodológicas se basan en Psicología Social, Análisis Institucional y Estudios de Relaciones Raciales. Se propone como analizador el relato de experiencia de becarios del referido proyecto e un evento nacional de extensión universitaria, durante la pandemia del Covid-19, en 2021. El escenario analizado fue una ronda de conversaciones para la presentación de trabajos de extensión en un congreso nacional, realizado de forma virtual. En la sala estuvieron presentes una docente-mediadora y los/as presentadores/as de trabajos. La mayoría de las personas en la sala eran blancas. La presencia en espacios académicos mayoritariamente blancos es una realidad vivida por las/os estudiantes negras(os) que les produce un malestar natural, ya que se ven obligadas/os a acostumbrar se a esta falta de representación en la universidad. El debate analizado tuvo lugar entre la profesora blanca, las cinco presentadoras (cuatro negras y una blanca) y un alumno blanco. La metodología utilizada fue el registro en diarios de campo para la posterior producción de análisis críticos. Para explicar los marcadores sociales de la diferencia que producen subjetividad e inequidades raciales en las experiencias de vida, se utilizó el formato de *escrevivências*. Los resultados encontrados apuntan a la

permanencia de discursos académicos que no reconocen el racismo como una determinación social en salud, apoyados en el mito de la democracia racial y la primacía de los enunciados biomédicos. Además, se explicitó la manifestación de los privilegios de la blancura en el cumplimiento del silenciamiento de los negros. Es importante señalar que este análisis cualitativo se basa en el entendimiento de que el posicionamiento individual está inscrito en el tejido de las relaciones sociales e institucionales. Los discursos individuales están cargados de relaciones de conocimiento-poder, que fueron posibles gracias a la producción de una subjetividad siempre colectiva. Así, tomamos este análisis de situación como representativo de lo que experimentamos en las relaciones universitarias y de extensión. Apostamos por la necesidad de que esta reflexión crítica y antirracista contribuya a estudios que se centren en los efectos nocivos del racismo en la vida de los estudiantes negros y negros.

Palabras clave: Salud de la población negra. Extensión universitaria. Blancura.

INTRODUÇÃO

A extensão universitária é responsável por proporcionar à comunidade acadêmica a oportunidade de experiências desafiadoras, pois produz encontros com a sociedade em geral que colocam nossas teorias à prova. No campo da saúde da população negra, também encontramos desafios dentro da própria universidade, seja pelo racismo institucional, seja pela branquitude hegemônica, tanto no corpo docente como nos referenciais teóricos utilizados. Apesar dessas e outras resistências à temática racial na saúde, é importante lembrar que desde 2009 o Brasil tem uma Política Nacional de Saúde Integral da População Negra ([BRASIL, 2009](#)), fruto das lutas e conquistas dos movimentos negros, em consonância com a Constituição Federal e o Sistema Único de Saúde ([WERNECK, 2016](#)).

Nesse contexto, este trabalho tem por objetivo discutir como o debate racial encontra barreiras por parte de docentes da saúde, também no campo da extensão universitária. A partir dos referenciais teóricos da Psicologia Social, da Análise Institucional, da Saúde Coletiva e dos Estudos das Relações Raciais, propomos transformar em conhecimento as experiências de violência racista sofridas por estudantes em eventos acadêmicos. Para tanto, utilizaremos como principal analisador o relato de experiência de bolsistas do Projeto de Extensão Saúde da População Negra e a integração com serviços de saúde/UFRGS em evento nacional de extensão universitária, no ano de 2021. Em virtude da pandemia do Covid-19, o evento aconteceu de forma online.

Esta escrita se insere no Programa de Extensão intitulado Núcleo de Extensão e Pesquisas Antirracistas e Anticapacitistas (NEPARC) do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, o qual desenvolve projetos em três áreas: promoção da saúde da população negra, contação de histórias antirracistas e enfrentamento ao capacitismo. Nosso coletivo é composto por docentes, estudantes de graduação e pós-graduação e profissionais da saúde. Somos um grupo de pessoas negras e brancas, com e sem deficiências, majoritariamente da área da psicologia, mas com participação das áreas de fonoaudiologia, ciências sociais, enfermagem e pedagogia.

A motivação para esta reflexão é fruto dos incômodos e desconfortos causados pela intervenção de uma professora mediadora branca numa sessão temática da saúde na qual

apresentamos as ações do projeto de extensão, em 2021. Os comentários da docente demonstravam o total desconhecimento da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN), principalmente evidenciado pela reprodução acrítica de enunciados como “somos todos iguais”; “os órgãos biológicos são os mesmos”. Esse posicionamento da docente expressa a permanência do mito da democracia racial nas relações acadêmicas. Os impactos negativos desse mito têm sido amplamente debatidos nas ciências sociais e na saúde, pois invisibilizam o racismo estrutural da sociedade brasileira. Além disso, também está presente no argumento da igualdade dos seres humanos a primazia da noção biomédica nas práticas em saúde ([GUIMARÃES, 2006](#); [LAGUARDIA, 2004](#); [GONZALEZ, 1983](#)).

A nossa proposta é tomar essa experiência vivida de silenciamento e de dúvida sobre a saúde da população negra como um analisador importante das relações raciais na universidade, inclusive no campo da extensão. Para a Análise Institucional, o conceito de analisador é uma ferramenta importante para pensar como uma situação, um fato, um objeto, uma estrutura física, por exemplo, podem expressar as relações de saber-poder instituídas. Estudos têm se debruçado em analisar a reprodução do racismo na academia ([BATISTA, 2020](#); [CARLE, 2019](#); [BUJATO, SOUZA, 2020](#)). As práticas extensionistas têm sido espaços de crítica às formas de dominação instituídas, assim como têm se aproximado de abordagens decoloniais e antirracistas. Desta forma, potencializam a participação ativa da comunidade acadêmica com a sociedade, numa perspectiva democrática e horizontal. Exemplo disso é a expansão dos Núcleos de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABIs) pelo Brasil ([FERREIRA et al., 2019](#)). Desde 2003, o Brasil conta com legislações próprias no campo da educação para o enfrentamento ao racismo nas instituições de ensino, tais como: Lei 10.639/2003; Lei 11.645/2008; CNE/CP 3/2004. O próprio evento nacional de extensão aqui sinalizado teve diversas mesas interseccionais e, inclusive, uma específica para as relações raciais. Assim, seria de se esperar que as redes de conversas de apresentação de trabalhos proporcionassem espaços frutíferos de trocas entre as universidades, uma vez que a extensão universitária se pauta sobre os princípios de horizontalidade, autonomia, e trocas efetivas de saberes ([FREIRE, 1977](#)).

Contudo, quando se faz recorte racial nas ações de extensão, constata-se a reprodução do racismo em diversas situações, inclusive nos espaços da própria universidade. É importante salientar que a experiência aqui analisada não é um caso isolado. Uma das autoras desta escrita já havia passado por uma situação semelhante em uma palestra em um Congresso de Otorrinolaringologia, cujo tema era comunicação não-violenta. Quando o debate foi aberto ao público, a estudante negra elogiou a palestra e pontuou a violência policial que tem como alvo principal jovens negros, segundo dados oficiais de homicídios ([CERQUEIRA, 2020](#)). A palestrante branca ficou desconcertada e de forma agressiva afirmou não haver racismo no Brasil e sim, falta de respeito. Terminou sua fala afirmando que se negros morrem mais, é porque eles são maioria no país. A estudante se sentiu tão violentada e envergonhada, que não participou mais do evento. Era uma das poucas pessoas negras no salão lotado de pessoas brancas. Como [Beatriz Nascimento \(2018, p. 246\)](#), sentiu uma dor no corpo. “O nó apertava-se numa ânsia. Ele queria sair, e lutava comigo. Veio num espasmo de vômito, mas saiu um choro, um choro de criança e muitas lembranças. A coisa sempre repetida”.

PERCURSOS TEÓRICO METODOLÓGICOS

O referencial teórico-metodológico que embasa nossas ações articula conhecimentos da Educação Popular de Paulo Freire, da pedagogia engajada de bell hooks, das relações de saber-poder da Psicologia Social e Institucional ([FOUCAULT, 1999](#); [LOURAU, 1975](#)) e das relações raciais de Maria Aparecida Bento e Jurema Werneck, dentre outras.

O conceito de racismo que utilizamos define-o como um sistema de dominação e opressão estrutural regulamentado numa racionalidade que hierarquiza grupos com base na crença de superioridade e inferioridade racial ([MOORE, 2007](#)). A concepção de raça/cor diz respeito a uma construção social de desumanização e exploração dos povos africanos e indígenas. No Brasil, devido à miscigenação, o racismo se instituiu como preconceito de cor, fazendo com que as marcas do corpo de origem africana, assim como o tom de pele mais escuro, agravem as situações de racismo ([GONZALEZ, 1983](#)).

Portanto, para falar de racismo, precisa-se falar sobre relações de poder. Seguindo o pensamento de [Michel Foucault \(1999\)](#), entendemos poder não como algo a ser detido por uma pessoa, mas como relações. O poder não se concentra em alguém, mas se expressa em toda forma de interação, e sua análise deve ser pautada nos efeitos que produz ([FOUCAULT, 1999](#)). Segundo [Sueli Carneiro \(2005\)](#), no Brasil vivemos sobre os efeitos do dispositivo da racialidade, o qual coloca a população negra sob o “signo da morte”, seja ela material, seja ela simbólica. Em diálogo com Michel Foucault, Sueli Carneiro visibiliza a centralidade do racismo na produção de subjetividade brasileira. Num jogo constante entre as formas de dominação e as práticas de resistência, a população negra precisa estar sempre alerta, em luta.

Quando estudamos o racismo, compreendemos que lidamos com relações raciais, portanto, não é suficiente analisar a população negra. Assim, os estudos das relações raciais cunharam o conceito de branquitude para explicar como a estrutura racista do mundo é continuamente atualizada pela manutenção de privilégios materiais e simbólicos para a população branca. Desde a reprodução da riqueza, das iniquidades raciais nos postos de trabalho mais bem remunerados e qualificados, até estereótipos positivos de herança cultural e de aspectos fenotípicos que remetem à brancura dos corpos de origem europeia ([BENTO, 2002](#)).

A metodologia utilizada para este trabalho foi a escrita em diários de campo ([KROEF et al, 2020](#)), com o intuito de registrar os acontecimentos para produzir pensamento crítico sobre as experiências vividas. Os diários de campo são recursos consagrados nas ciências sociais, mas para este trabalho é fundamental visibilizar que a escrita tem cor. Por isso, utilizamos o conceito de escrevivências da escritora Conceição Evaristo, que tem a perspectiva de realizar a escrita da vivência como registro da memória ([EVARISTO, 2020](#)). Para a autora, a escrevivências e constitui a partir das experiências e vivências de pessoas negras, principalmente de mulheres, sendo um caminho trilhado por autoria negra, que visibiliza as relações de saber-poder. Como dizia [Lélia González \(1983, p. 225\)](#), “agora o lixo vai falar!”.

Segundo [Conceição Evaristo \(2020\)](#), a experiência da escrevivência pode ser vivida por pessoas não negras, de outras realidades e de outros grupos sociais. Desta forma, neste artigo a escrevivência é utilizada como método de produção de conhecimento coletivo. Numa proposta de aproximação conceitual entre escrevivências e o campo da psicologia social e institucional, utilizamos o conceito de análise de implicação ([LOURAU 1975](#); [BAREMBLITT, 2002](#)) para explicitar que sempre estamos situados(as) em relações de poder, sendo impossível a suposta neutralidade na produção do conhecimento. Contudo, essa perspectiva teórica crítica não visibilizou o racismo como constituinte de

todas as nossas relações, possivelmente em virtude de a universidade ainda ser um lugar majoritariamente branco. Por isso, decidimos fazer uma escrita que explicita a raça/cor das pessoas. Trabalhar em práticas antirracistas exige visibilizar as relações raciais nas relações de poder entre a população negra e a população branca. [Cuti \(2010\)](#) pergunta quem tem medo da palavra negro? “Semelhante ao crucifixo diante da possibilidade de se deparar com o demônio, a palavra ‘negro’ positivada cumpre a função de exorcizar o racismo convicto, o enrustido e a anestesia de suas vítimas” ([CUTI, 2010, p. 211](#)).

Em seus escritos sobre ser uma intelectual negra nos EUA, Patrícia Hill Collins cria o conceito de “forasteira de dentro (Outsider Within)” para explicar o que significa ser mulher negra em ambiente universitário. Para essa autora, como a universidade sempre foi um lugar de poder, não seria esperado que mulheres negras pudessem produzir conhecimento. A desumanização e a exploração do trabalho braçal das mulheres negras produziram estereótipos ainda vigentes na sociedade atual ([COLLINS, 2016](#)). No relato de experiência aqui analisado, as nossas extensionistas negras experimentaram a sensação do não-lugar, de uma posição completamente forasteira do que é esperado para seus corpos na universidade.

Por isso, se faz necessária uma compreensão séria e crítica da situação vivida naquela apresentação de trabalho em evento de extensão. Novamente aqui trazemos o conceito de analisador ([LOURAU, 1975](#)), pois sabemos que aquela experiência não é original, acontece recorrentemente em ambientes de aprendizagem das universidades brasileiras ([BATISTA, 2020](#)). Assim, decidimos refletir coletivamente sobre o acontecido, produzindo sentido e resistência ao racismo institucional.

SAÚDE DA POPULAÇÃO NEGRA E A INTEGRAÇÃO COM OS SERVIÇOS DE SAÚDE (2019-2021): O PROJETO E A APRESENTAÇÃO DO TRABALHO EM EVENTO DE EXTENSÃO

O Projeto Saúde da População Negra e a Integração com os serviços de saúde surgiu em 2019, como desdobramento da pesquisa-intervenção “Saúde, relações de saber-poder e sofrimento psíquico” ([SILVEIRA et. al., 2020](#)). A pesquisa foi desenvolvida em parceria com as gestões em saúde das Secretarias Municipais nas cidades de Porto Alegre e de Pelotas. O intuito era desenvolver ações para fortalecer a implementação da PNSIPN, promulgada em 2009. Desde 2012, a gestão da equidade racial da Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre desenvolve o Curso das Promotor@s da Saúde da População Negra ([SOARES, 2018](#)), em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Fruto desse encontro entre serviços de saúde e universidade pública, realizamos uma atividade de devolução da pesquisa num dos bairros periféricos da cidade de Porto Alegre com um dos maiores índices de concentração de população negra, 38,4%. Segundo o Censo de 2010 a cidade de Porto Alegre tem ao redor de 20% de população negra ([IBGE, 2010](#)).

Em 2019, a gerente de um grande equipamento de saúde pública da região, uma enfermeira negra e Promotor@ da Saúde da População Negra possibilitou a construção de um espaço coletivo entre a universidade e profissionais da saúde daquele serviço de Atenção Básica do SUS. A partir desse encontro, iniciamos a elaboração do projeto de extensão. De lá para cá, consolidamos uma equipe interracial, interdisciplinar (psicologia, ciências sociais, fonoaudiologia, enfermagem, gestão pública), intersetorial e interinstitucional (Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre/UFCSPA e UFRGS) que vem desenvolvendo diversas ações. Destacamos as ações de mapeamento da equidade racial nos espaços coletivos de promoção à saúde do serviço; formação para

os/as profissionais da saúde; seminários para a comunidade sobre a saúde da população negra; contação de histórias infantis com personagens negros(as). No final de 2019 iniciou o processo de desmonte da política pública da Estratégia da Saúde da Família na cidade de Porto Alegre, obrigando o projeto a interromper suas ações na comunidade e voltar-se para a produção de conhecimento através da escrita de artigos científicos.

Em 2020, reestruturamos o projeto para ações virtuais, primeiro com o desenvolvimento de um *podcast* com trabalhadoras da saúde e Promotor@s da Saúde da População Negra. Posteriormente, o projeto foi acionado pela equipe de saúde mental de outra região de saúde da cidade para desenvolvermos ações com jovens meninas da comunidade que estavam com poucas atividades em virtude do isolamento social. A partir dessa demanda, entramos em contato com uma professora negra que desenvolve um grupo de incentivo à leitura numa escola pública, também num bairro periférico e negro da cidade, a fim de ampliarmos o público atendido pela nossa ação. Foi naquele contexto que construímos a ação de Roda de Leituras sobre mulheres negras e literatura, para um grupo interracial de jovens estudantes de escola pública.

Nesse contexto de articulação entre ensino-pesquisa-extensão, temos participado de eventos de extensão para produção de conhecimentos e trocas com outros projetos e ações de extensão. Assim, depois de aceitar o nosso resumo para um importante evento nacional, foi com um sentimento de alegria que chegamos na sala online do evento para apresentação do nosso trabalho. Estávamos cheias de expectativas e ansiedades, cientes da força do trabalho que temos construído coletivamente. De fato, foi um momento muito importante para nós. O desejo era de poder compartilhar e aprender na mesma medida com as experiências de outros projetos, de outros lugares do país. A construção da apresentação foi pensada a partir das dúvidas que poderiam surgir das inquietações que a experiência da extensão é capaz de provocar. Através de lâminas questionadoras, explicitamos como “as trocas com a comunidade” potencializam questionamentos. Por isso, mais do que o desejo de apontar resultados objetivos e fechados, elaboramos lâminas que demonstrassem a potência dos saberes construídos nas ações com a comunidade, conforme representado na figura 1.

Figura 1. Lâmina de apresentação do trabalho em Evento Acadêmico de Extensão, 2021.



Fonte: Autoras, 2021.

Como já referido antes, baseamo-nos na concepção de que a extensão universitária é de caráter popular, ou seja, uma prática dialógica, compreendendo que não somos detentoras do saber, tampouco as participantes somente sujeitos que recebem a informação passivamente. Há uma troca entre as pessoas envolvidas na ação, todas(os)

se beneficiam e se transformam com as ações ([FREIRE, 1977](#)). Nesse sentido, percebemos o resultado de nossas práticas não somente em números, mas principalmente pelo impacto causado pelas trocas que produzimos entre nós, acadêmicas, e o público atingido pelo projeto (jovens negras e brancas de escolas públicas e suas professoras, profissionais da saúde, interlocutores(as) em geral).

Em construção coletiva com as profissionais da saúde e da educação, elaboramos a metodologia de roda de leituras de intelectuais negras. Foram espaços de trocas com as jovens da periferia, debates virtuais, com a utilização do *WhatsApp* para manutenção do vínculo semanal. Em 08 de março de 2021 realizamos uma leitura coletiva do texto “Eu, Mulher, Por uma Nova Visão de Mundo” da escritora moçambicana, Paulina Chiziane, materializado em podcast, intercalando vozes da universidade com as vozes das jovens e de uma professora da escola pública. A visibilização da parceria entre a UFRGS e o Projeto de Leitura da Escola no site da universidade foi recebida com muita alegria e orgulho pela comunidade escolar.

A experiência da extensão no cenário da pandemia é marcada por contínuas adaptações e readaptações, o que estimula as extensionistas a continuamente avaliarem as ações. As dificuldades com o acesso a plataformas virtuais foram semanais por parte das participantes das ações, sendo preciso que alternativas assíncronas fossem elaboradas buscando manter o vínculo, como mensagens, escritas e em áudio, sobre temas relacionados ao projeto. Dentre as oito integrantes do grupo no *WhatsApp*, apenas quatro conseguiram participar dos encontros síncronos via chamada de vídeo. Além disso, a elaboração de episódios de *podcasts* evidenciou a inevitável necessidade de capacitação tecnológica e comunicacional. Desafios como esses nos reafirmaram a importância de ações que reflitam sobre as reais necessidades e os meios de acesso possíveis da comunidade a qual estamos em diálogo.

Nutridas pelas trocas com as jovens participantes da ação na roda de leituras, esperávamos, com a apresentação do trabalho, refletir com as(os) colegas de sessão sobre os mais diversos impactos que o racismo tem na vida das pessoas negras. Principalmente sobre sua atuação como uma determinação social, econômica, política que produz vulnerabilidades ([WERNECK, 2016](#)). Contudo, também é fundamental reforçar que o racismo produz efeitos na vida das pessoas brancas, porém, de forma positiva, através dos privilégios simbólicos e materiais da branquitude ([SCHUCMAN, 2018](#)).

Voltando à análise da situação de racismo no evento nacional, acreditamos que, como as mesas do evento continham debates sobre ações afirmativas, relações de gênero e relações raciais e étnicas, teríamos um bom encontro. Como já afirmamos antes, a programação do evento parecia um anúncio de que estávamos em um espaço propício para apresentarmos o nosso trabalho. Imaginávamos que não haveria resistências, pois a nossa proposta era debater a saúde da população negra através da extensão. A participação do palestrante Ailton Krenak no congresso já dizia muito sobre o evento, apontando para pensamentos decoloniais ([QUIJANO, 2005](#)). [Krenak \(2019\)](#) em sua obra “Ideias para adiar o fim do mundo”, faz questionamentos que trazem reflexões importantes: “Qual é o mundo que vocês estão empacotando agora para deixar às futuras gerações?” ([KRENAK, 2019, p. 68](#)). Nós, extensionistas negras e brancas, queremos um mundo em que as violências que cercam a população negra sejam reconhecidas e enfrentadas coletivamente, principalmente pelas pessoas beneficiárias da branquitude.

Ao entrarmos na sala virtual, no dia de nossa apresentação, percebemos que a maioria das pessoas era branca, incluindo as professoras. A presença em espaços acadêmicos majoritariamente brancos, infelizmente, é a realidade das(os) alunas(os)

negras(os), sendo um desconforto naturalizado. Por isso, as(os) alunas(os) negras(os) estão acostumadas(os) a não se enxergar neles. Outro sentimento compartilhado pelas estudantes negras é o de, naquele momento, ficarmos felizes com a presença uma das outras e bastante reflexivas com o quanto ainda vamos nos deparar com espaços embranquecidos - seja em eventos acadêmicos ou em qualquer outro espaço institucional importante. Por outro lado, as(os) estudantes brancas(os) têm o privilégio de sempre se sentirem incluídas(os) e representadas(os) nos espaços acadêmicos, majoritariamente brancos ([SCHUCMAN, 2018](#)).

Passada a primeira constatação da permanência da hegemonia branca na universidade, nutríamos a esperança do bom encontro. A ideia de um evento nacional sobre extensão gera expectativas importantes acerca da potencialidade que os trabalhos apresentados podem comunicar. Toda a programação parecia compreender a extensão como a entendemos: democrática, coletiva e crítica, reforçando o contato essencial com a comunidade, de modo a construir projetos potentes que visem à libertação coletiva, articulando teoria e prática ([HOOKS, 2019, p.85](#)). Sabemos que cada sujeito envolvido com extensão tem suas lembranças, sua família, sua cultura e suas experiências, o que torna os processos de aprendizado mais enérgicos, engrandecendo as ações realizadas ([HOOKS, 2019](#)).

Escutamos as apresentações e, desde o momento inicial, percebemos a potência da extensão. Logo notamos que não havia nenhum projeto parecido com o nosso. Nenhuma ação de extensão apresentava a perspectiva de viés racial. Esse fato por si só já é um analisador da negligência com a temática racial nos trabalhos de extensão, pois a identificação da população alcançada pelos projetos é um indicador importante para se pensar práticas antirracistas. Sem a informação de raça/cor, o racismo fica invisibilizado ([ALVES et al., 2017](#)).

O contraste entre os demais trabalhos apresentados levantou inquietações, gerando incertezas. Será que a literatura utilizada não é potente suficiente? Será que a leitura não nos salva do racismo e não nos municia perante a essa sociedade racista? O nosso trabalho, realmente, tem relevância? O racismo faz isso com a cabeça de pessoas negras. Ele faz com que as pessoas negras achem que não sabem o suficiente, que não são capazes ou que seus trabalhos não valem de nada. Pesquisas sobre racismo e universidade corroboram a experiência vivida por este coletivo de mulheres ([MARTINS et al, 2018](#); [BUJATO, SOUZA, 2020](#)).

Deparamo-nos com um silenciamento, uma invisibilidade. Ao mesmo tempo em que participávamos do evento, estávamos desajustadas, éramos “forasteira de dentro (Outsider Within)” ([COLLINS, 2016](#)); alunas jovens, quatro negras e uma branca, com a pretensão de apresentar um trabalho construído coletivamente que se propunha a romper com a lógica racista de nossa sociedade. Frustramo-nos com a não compreensão, apesar de nossa apresentação elucidativa, e com a sensação de impotência, mesmo com toda a preparação realizada anteriormente. A pergunta que se seguiu após nossa apresentação demonstrou o desconhecimento da docente em relação ao que foi apresentado.

Parabéns pela apresentação do trabalho, mas...

Depois de parabenizar o trabalho, a professora branca, mediadora da sala, teceu os seguintes questionamentos: quais são especificamente as doenças que impactam as pessoas negras? Os objetivos e os resultados do trabalho não ficaram “claros” para mim!

Novamente lembramos que estamos utilizando estas falas como analisadoras do racismo nos espaços de formação universitária. Como já afirmado anteriormente, essa professora branca não foi a primeira, infelizmente não é a única e possivelmente, não será a última docente de uma universidade pública a reproduzir enunciados racistas e violentos. Aqui é interessante trazer uma proposição importante de [Carlos Moore \(2007\)](#), quando pontua que o racismo não é fruto de uma intenção individual. Sim, essa situação vivida foi racista e muito violenta simbolicamente. Foi um ato individual mas inscrito em uma trama instituída historicamente de processos de dominação e de exploração da população negra. Diversos estudos corroboram este nosso relato e explicitam que, apesar dos avanços legais, a perpetuação do racismo nos espaços acadêmicos e profissionais da saúde continua existindo ([SCHUCMAN, 2018](#)). Assim, seguiremos analisando os acontecimentos daquela apresentação de trabalho de extensão.

Diante da surpresa com o questionamento sobre quais são especificamente as doenças que impactam as pessoas negras, ficamos pensando em pelo menos, três hipóteses: a) a professora não escutou nada do trabalho apresentado; b) havia um total desconhecimento sobre as questões acerca da Saúde da População Negra e a sua pertinência; c) a pergunta demonstrava uma concepção de saúde restrita à perspectiva biomédica. No decorrer da escrita vamos abordar essas hipóteses.

As pesquisas com profissionais da saúde demonstram que as formações privilegiam os aspectos biomédicos, e apesar de os documentos da Organização Mundial de Saúde e do Sistema Único de Saúde complexificarem a concepção de saúde, suas Determinações Sociais em Saúde e as práticas de cuidado e de promoção à saúde, ainda prevalece a lógica centrada nos aspectos biológicos e fisiológicos do corpo ([OLIVEIRA et al., 2017](#); [PETTRES et al., 2018](#)).

Apesar de todo o embasamento teórico da nossa fala, ela foi desconsiderada pela docente. Resistente aos argumentos trazidos, a professora branca não entendia a pertinência do trabalho, afinal, por que falar em saúde da população negra se “somos todos iguais”? Desta maneira, a mediadora insistiu na ideia biomédica de igualdade na saúde. De forma cômoda, a professora sustentou a posição de reprodução do discurso meritocrático, reafirmando que somos todos iguais, que os corpos são iguais e que estamos todos sujeitos às mesmas oportunidades e condições sociais.

Essas ideias são exemplos do discurso do mito da democracia racial, o qual forjou uma visão sobre a construção da sociedade brasileira, em que brancos(as) e negros(as) convivem harmonicamente desde a escravidão. Atrelado a questão da miscigenação e o projeto de branqueamento, brancos(as) e negros(as) supostamente ocupam posição de igualdade na formação do país, principalmente no pós-abolição ([GUIMARÃES, 2006](#)). Entretanto, conforme [Lélia Gonzalez \(1983\)](#), o sistema escravista foi constituído com base na violência racial e sexual, que se reproduz desde a colonização na sociedade brasileira. A afirmação de que somos todos iguais não reconhece as profundas desigualdades raciais e mantém a branquitude em posição de superioridade.

Dentro de seus comentários, a professora branca também declarou que não havia compreendido o que o projeto fazia e qual seria sua contribuição para a comunidade. Havia distinções na concepção do fazer-extensão entre a mediadora, os(as) demais extensionistas e o nosso projeto. É muito comum que a extensão universitária seja compreendida somente como forma de prestação de serviços, se aproximando do assistencialismo ([FREIRE, 1977](#)). Nessa concepção se destaca a prática de intervenção da universidade na comunidade buscando apenas resultados práticos na vida daqueles que

não têm recursos. Essa percepção se distancia de um modelo de extensão comprometido com o processo educativo, cultural e científico dos quais nos aproximamos.

Os minutos seguintes da apresentação foram de argumentação sobre a legitimidade do projeto, revezando a palavra entre as apresentadoras. Argumentar, em 2021, sobre o que é o racismo e seus impactos na saúde da população negra é frustrante, principalmente após um aumento da visibilidade midiática acerca do assunto. O tema ganhou espaço nos noticiários do mundo especialmente após dois ocorridos em 2020 que merecem destaque: 1) as manifestações contra o racismo em decorrência do assassinato de George Floyd, homem negro, vítima de violência policial, em Minnesota, EUA; e 2) manifestações após o assassinato de João Alberto Freitas, homem negro, nas dependências do super mercado Carrefour em Porto Alegre, RS, às vésperas do Dia da Consciência Negra ([GLOBO, 2020](#)).

Além disso, imaginamos que a mediadora já havia lido os resumos. Ouviam-se barulhos de papéis remexendo, do outro lado da tela do computador. Enquanto extensionistas, acreditamos que quando se lê o resumo de um trabalho e não se compreende o ponto central, o primeiro impulso seria uma pesquisa rápida sobre o assunto, não? Espera-se que o(a) mediador(a) de uma sala saiba comentar com êxito os trabalhos que serão apresentados. É possível questionar o processo metodológico, caso restasse alguma dúvida; fazer apontamentos sobre a relevância do trabalho ou, enfim, qualquer coisa nesse sentido. Existem diversas possibilidades de questionamentos e nenhuma delas deveria ser da forma como ocorreu. Pelo contrário, a professora tinha certeza, e falava com tom de quem não vê diferença entre brancos, negros, amarelos, pretos, azuis - já que somos todos iguais, não somos? A resposta correta é não, não somos iguais. O racismo diferencia, violenta, humilha, machuca as pessoas negras. Então, como dar sentido para a violência racista vivida no espaço acadêmico da extensão?

Um dos caminhos é esta escrita. É buscar refúgio nas discussões teóricas para nomear e compreender a experiência do racismo que afeta a saúde da população negra. Compreendemos que a posição de pessoa branca beneficiária da branquitude contribuiu para a resistência da professora branca frente a um tema desconhecido. A superioridade da branquitude não permitiu que ela escutasse os argumentos trazidos pelas estudantes negras. Cabe frisar que a coordenadora do projeto, uma professora branca, estava em outra rede de conversa acompanhando uma extensionista novata. Como as estudantes do projeto da saúde da população negra estavam em quatro, além de dominarem o conteúdo e as práticas da extensão, a coordenadora imaginou que seria uma ótima e tranquila apresentação. Acreditamos que também estavam em jogo as relações de poder-saber em relação aos lugares de professora-branca e estudantes-negras. Possivelmente a discussão teria sido outra, caso a orientadora-branca do projeto estivesse na sala virtual. Mas é isso que esperamos de um espaço de aprendizagem da extensão?

Certamente não.

Ficamos desanimadas ao saber que uma profissional da saúde envolvida com extensão acadêmica não busca se apropriar do debate racial. Em nossas reuniões do projeto, refletimos muito sobre o privilégio da população branca de poder se isentar sobre o racismo e suas implicações, possivelmente pelo privilégio de imaginar que não é afetada diretamente por isso. Um dos efeitos da branquitude é a crença de que o racismo é um problema atribuído às pessoas negras. Desta forma, as pessoas brancas não precisariam se envolver ativamente nesse debate, poupando-se de desconfortos, perdas de poder e privilégios ([KILOMBA, 2019](#)).

Novamente frisamos que não se trata, somente, de responsabilizar individualmente aquela professora branca pela sua falta de conhecimento e de abertura ao tema trazido, mas de problematizar os efeitos do racismo e da branquitude nos processos de aprendizagem na extensão universitária.

BRANQUITUDE E INTERSECCIONALIDADE: DESAFIOS NA EXTENSÃO

Outra experiência vivida naquela apresentação de trabalho também foi tomada como analisador das relações raciais na universidade. Diante da situação constrangedora que o grupo foi colocado pela mediadora branca, um estudante branco de medicina tomou a fala para corroborar o argumento das apresentadoras. Assim, após as sucessivas tentativas das apresentadoras do projeto, sendo quatro mulheres negras e uma branca, de explicar a relevância e a necessidade de se pensar e falar sobre a saúde da população negra - todas desmerecidas pela professora - um estudante branco de medicina, pediu a palavra. E, contrária a reação às falas das alunas, ao homem branco foram feitos muitos elogios, que foram recebidos com uma aparente satisfação pelo estudante.

[bell hooks \(2019\)](#) afirma que silenciamentos ocorrem em instituições quando mulheres negras não podem ser plenamente escutadas e seus trabalhos são desvalorizados. Na medida em que se esforçam para quebrar o silêncio e se engajar em debates políticos, enfrentam proporcionalmente à oposição. As relações de poder englobam todas as nossas interações. Em se tratando especificamente do lugar de fala, conceito que diz respeito à consciência do indivíduo quanto ao seu papel frente às lutas sociais ([RIBEIRO, 2017](#)), partimos do pressuposto que o lugar de fala somente pode existir se houver um lugar de escuta ([KILOMBA, 2019](#)). Ou seja, para que possamos nos expressar, é necessário que a outra pessoa que está na posição de escuta permita que sejamos escutadas(os). Mas não basta somente isso, uma vez que, para que sejamos ouvidas(os), o(a) outro(a) precisa nos perceber como semelhante a ele, também como sujeito ([KILOMBA, 2019](#)).

Perceber o(a) outro(a) como semelhante, entretanto, envolve horizontalizar as relações de poder. Mas, pensando na perspectiva da branquitude, tornar as relações de poder menos discrepantes oferece uma ameaça aos privilégios que são mantidos em função justamente de uma estrutura racista. O que ocorre, então, são processos que visam a manutenção dessas diferenças, que negam o(a) outro(a) como ele(a) é e somente o aceitam em uma posição de submissão ([CARDOSO, 2010](#); [KILOMBA, 2019](#); [SCHUCMAN, 2018](#)).

Analisando o ocorrido, percebemos que o problema não foi a fala do estudante de medicina. Seu comentário era pertinente ao que se estava discutindo e foi formulado em seu lugar de fala, como homem branco. O que precisa ser posto em pauta é, em primeiro plano, a discrepância da reação da professora em relação às falas. Quando falamos, não tivemos uma ouvinte; quando o estudante branco falou, foi escutado e parabenizado.

Para compreendermos essa situação, trazemos a discussão teórica de [Lourenço Cardoso \(2010\)](#) que propôs a discussão de pelo menos dois tipos de branquitude: a crítica, e, a acrítica. A branquitude acrítica é descrita como a branquitude que acredita e defende a superioridade das pessoas brancas. Já a branquitude crítica seria aquela que se opõe publicamente ao racismo, podendo ser individual ou de forma organizada. O fator do posicionamento público está atrelado à impossibilidade de confirmar se o indivíduo apresenta o mesmo comportamento no âmbito privado. Para [bellhooks \(2019\)](#), uma pessoa pode ter o domínio sobre a teoria e empregar livremente termos comuns no debate acerca

do feminismo, mas não necessariamente estar engajado no movimento. Esta percepção pode ser atribuída a outros movimentos sociais, como o antirracismo, por exemplo. Assim, ao analisarmos o posicionamento do estudante branco, num primeiro momento ele teve uma atitude exemplar de branquitude crítica. Contudo, quando a professora lhe elogiou, não se posicionou criticamente em relação a isso.

A branquitude se desvela no momento em que se nega a reconhecer a realidade do(a) outro(a), não permitindo que a pessoa negra fale. Estando em posição de poder, a pessoa branca pode legitimar e justificar somente a sua verdade ([KILOMBA, 2019](#); [SCHUCMAN, 2018](#)), sobrepondo-se aos demais grupos e os colocando em posições subalternas, invalidando sua luta ou somente a deixando existir sob a ótica de outra pessoa que pertença a esse grupo privilegiado.

Essa situação demonstra a força da interseccionalidade entre racismo e sexismo. Estavam em jogo não somente as relações raciais, mas o sexismo operou na legitimação do lugar de fala do homem branco. Podemos pensar que os estereótipos da mulher negra como “mulata” ou como doméstica ([GONZALEZ, 1983](#)) são imaginários culturais que permanecem nas relações sociais e devem ser levados em consideração, por exemplo, no comportamento da professora mediadora legitimar as palavras do homem branco estudante de medicina e não escutar o que estávamos dizendo.

Mulheres negras são invisibilizadas a todo momento, fora do ambiente acadêmico, pois, pelo menos duas opressões significativas na estrutura social atravessam seus corpos, raça e gênero entrecruzando-se e interagindo ([KILOMBA, 2019](#); [CRENSHAW, 2002](#)). Para tanto, não é somente responsabilidade ética e/ou moral repensar o próprio lugar social para que casos como esse não ocorram mais. Mas sim, responsabilidade institucional. O importante, é que a população negra está e continuará ocupando todos os lugares, e casos como esse não passarão mais despercebidos. Em contextos universitários, cabe aos(as) acadêmicos(as) negros(as) resistir e sustentar seus pontos de vista, pois isso, segundo [Hill Collins \(2016, p. 105\)](#), “é uma forma importante de se resistir à desumanização essencial aos sistemas de dominação”. Este é um dos vários motivos que impulsionam esta escrita, para reafirmar a presença negra em lugares de saber-poder. Aliado a isso, é fundamental que os(as) acadêmicos(as) brancos(as) assumam a sua responsabilidade na luta antirracista.

Neste ponto, chama atenção a reação da professora à fala do estudante. Ao legitimar e aclamar a fala de um homem branco frente a quatro mulheres negras, a professora reafirma a posição do(a) branco(a) como sujeito superior e o(a) negro(a) como não-sujeito. Por mais que, se analisada isoladamente, a fala do estudante tenha acontecido em seu lugar de fala, a reação da professora e a aparente satisfação do locutor frente aos elogios demonstram uma deslegitimação do discurso de pessoas negras sobre si e, em seus lugares, são colocadas pessoas brancas como autoridade máxima ([CARNEIRO, 2005](#)). Não permitir que a população negra fale sobre si é uma forma de controlar o que pode e o que não pode ser dito, quem pode e quem não pode pertencer e ser aceito socialmente ([KILOMBA, 2019](#)). É um artifício utilizado para reprimir o que não pode ser dito, o que vai causar incômodo e desconforto as estruturas vigentes no nosso meio social. Isso leva à seguinte reflexão: se “somos todos iguais”, o que é que a branquitude teme que seja dito? Os perigos desse enunciado da mediadora branca são muitos, desde o silenciamento sobre os privilégios da branquitude até a invisibilização das iniquidades raciais.

À GUIA DE CONCLUSÃO

As palavras e os conceitos não estão separados da vida, do mundo, da realidade, das contradições, do sofrimento humano, das esperanças e desesperanças. Os intelectuais negros assumem um engajamento político e acadêmico porque acreditam que aquilo que produzem e escrevem não se reduz à interpretação da realidade, segundo uma teoria específica ou um rol de conceitos. Na realidade, a sua produção tem um objetivo mais ousado: a emancipação social e a contestação de cómodas análises científicas alicerçadas no mito da democracia racial ([GOMES, 2010, p. 504-505](#)).

Produzir extensão universitária no campo da saúde da população negra, num coletivo com a participação ativa de estudantes negras, tem sido um processo de muita aprendizagem, principalmente para as pessoas brancas envolvidas nas ações. Para muitos(as) estudantes brancos(as) a experiência de convivência com colegas negros e negras é inédita. [Alisson Batista \(2020\)](#) aponta o importante papel das cotas universitárias na luta antirracista, pois possibilita que brancos(as) e negros(as) estabeleçam relações mais horizontais enquanto sujeitos de saber-poder. As trocas construídas no percurso da extensão possibilitam o reconhecimento das iniquidades raciais, dos privilégios da branquitude e a responsabilidade da população branca em juntar-se às lutas e às práticas antirracistas.

Neste artigo, propusemos uma discussão teórica a partir de um relato de experiência coletiva. Inspiradas por [Conceição Evaristo \(2020\)](#), os diários de campo individuais foram transformados em escrevivência, com a finalidade de libertar as vozes que foram abafadas durante anos pelo discurso dominante. Compreendemos que nossa memória é coletiva e quando as memórias se identificam, são capazes de extrair forças para escrever. Unimos a escrita da memória umas das outras para dar corpo a um texto de análise sobre as barreiras por parte de docentes da saúde de reconhecerem a importância do debate racial.

Tomamos como analisador uma situação de apresentação de trabalho em evento nacional de extensão, no qual houve negação do racismo e deslegitimação dos argumentos das estudantes negras e brancas. Ficou evidente o desconhecimento da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra por parte da professora mediadora, demonstrando o quanto os espaços acadêmicos da extensão, além de se absterem do debate racial, ainda deslegitimam as produções e o conhecimento de estudantes negras(os) no ambiente universitário. De acordo com [Sueli Carneiro \(2005\)](#), essa deslegitimação é uma forma de epistemicídio, de apagamento e silenciamento dos conhecimentos produzidos por intelectuais negras(os). Desta forma, se produz uma morte simbólica dos saberes construídos. Os efeitos nefastos desse processo histórico se reatualizam constantemente, como pudemos perceber na dificuldade da professora em entender e aceitar a pertinência do trabalho apresentado. A exposição do desinteresse com relação às temáticas referentes à população negra foi tristemente visibilizada naquela roda de conversa da extensão.

Isso tudo nos causa o sentimento de que sempre vamos ter que voltar para a base e para conceitos iniciais nos debates. Para não cair em armadilhas como essa na próxima vez, precisaremos pincelar o que é racismo para os/as ouvintes. Mas quando iremos avançar?

Percebemos que o acontecimento vivenciado reflete muito do que acontece em vários espaços do meio acadêmico, sendo um triste analisador das relações raciais dentro da academia. A partir disso, é notório que o saber que vem se constituindo dentro das universidades insiste em convenções acadêmicas que se caracterizam por uma super utilização dos cânones do saber europeu em detrimento de outras epistemologias. O silêncio sobre a temática racial e o racismo estrutural implica destacar os saberes brancos

eurocêntricos ([BATISTA, 2020](#)). Na estrutura acadêmica, existe um esforço para definir quais debates são pertinentes a fim de impor padrões excludentes ([HOOKS, 2019](#)). Por essa razão, a temática racial ainda é desqualificada e silenciada, sendo isso perceptível nas reações da professora mediadora frente a nossa apresentação.

A vivência que tivemos no evento, por mais que tenha sido frustrante, só reforça a potência do nosso trabalho, das lutas do movimento negro e das nossas reflexões, reafirmando a importância de continuarmos produzindo e compartilhando conhecimentos nos espaços de extensão, proporcionando transformações efetivas no ambiente acadêmico. Fomos para esse evento carregadas de embasamento teórico, de mãos dadas com [Paulo Freire \(1977\)](#) e [bell hooks \(2019\)](#), compartilhando um projeto que continua e dialoga com a comunidade. Portanto, partimos da nossa experiência pessoal para refletir sobre a branquitude na extensão universitária e seus efeitos na manutenção do racismo. Como já afirmado anteriormente, temos consciência de que não será a última vez que situações como essa ocorrerão. O que vivenciamos não se refere a um caso isolado, tampouco exceção na universidade, mas uma representação de como o racismo opera nos espaços acadêmicos. Apostamos na necessidade desta reflexão crítica e antirracista para contribuir com os estudos que se debruçam sobre os efeitos nefastos do racismo na vida de estudantes negras e negros ([BATISTA, 2020](#)). Sabemos que ainda temos muito que percorrer, a luta antirracista é constante. Sigamos (r)existindo nesses espaços e nos municiando de conhecimento. Para nós, a esperança que fica é que nas próximas apresentações estaremos mais fortalecidas para o debate. Trabalhamos para que o amanhã seja diferente.

SUBMETIDO EM: 23/05/2021.

ACEITO EM: 08/08/2022.

REFERÊNCIAS

[ALVES, Mirian Cristiane; JESUS, Jairo Pereira de; DIAZ, Luis Alberto Ferreira.](#)

Autodeclaração da raça/cor no SUS: Reflexões Conceituais a Partir da Campanha Realizada pelo Estado do Rio Grande do Sul. **Identidade!**2017. 22(1), 05-15. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/identidade/article/view/3025>. Acesso em: 01 abr. 2021.

[BATISTA, Alisson Ferreira.](#) Trajetos e percursos: das (im)possibilidades de enfrentamento do racismo dentro da academia. In: SILVEIRA, Raquel da Silva et al. (Orgs). **Psicologia e Relações Raciais: um percurso em construção**. Florianópolis: Abrapso, 2020.

[BAREMBLITT, Gregorio.](#) **Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática**. Belo Horizonte: Instituto Félix Guattari, 2002.

[BENTO, Maria Aparecida. S.](#) Branquitude e Branqueamento. In: CARONE, I. & BENTO, M. A. S. (Orgs.). (2002). **Psicologia Social do Racismo**. Petrópolis: Vozes, 189 p.

[BRASIL.](#) Ministério da Saúde. Portaria nº 992, de 13 de maio de 2009, que institui a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra, 2009.

[BUJATO, Isabela Ariane; SOUZA, EloisioMoulin de](#). O contexto universitário enquanto mundo do trabalho segundo docentes negros: diferentes expressões de racismo e como elas acontecem. **Rev. eletrôn. adm.** (Porto Alegre), Porto Alegre, v. 26, n. 1, p. 210-237, abr. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-2311.282.95038>. Acesso em: 4 jun. 2021.

[CARLE, Cláudio Baptista](#). O imaginário eurocentrado e o racismo institucional: a exclusão de negros/as, indígenas e quilombolas na pós-graduação de instituições públicas no país. **Revista Educar Mais**, v. 3, n. 1, p. 15-26, abril 2019. Disponível em: <http://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/educarmais/article/view/1382/1107>. Acesso em: 29 abr. 2021.

[CARNEIRO, Aparecida Sueli](#). **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

[CARDOSO, Lourenço](#). Branquitude acrítica e crítica: A supremacia racial e o branco anti-racista. **Rev.latinoam.cienc.soc.niñezjuv**, Manizales, v. 8, n. 1, p. 607-630, jan.2010.Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1692-715X2010000100028&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 04 jun. 2021.

[CERQUEIRA, Daniel](#). **Atlas da Violência**. Brasília: Ipea, 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/3519-atlasdaviolencia2020completo.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2021.

[COLLINS, Patricia Hill](#). Aprendendo com a outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Sociedade e Estado**, [S.l.], v. 31, n. 1, p. 99-127, dez. 2016. ISSN 1980-5462. Disponível em: <http://ojs.bce.unb.br/index.php/estado/article/view/21515/15369>. Acesso em: 04 jun. 2021.

[CRENSHAW, Kimberlé](#). Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, (10), n.1, Florianópolis, UFSC, 2002, p.171-188. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>. Acesso em: 4 jun. 2021.

[CUTI, Luis Silva](#). **Quem tem medo da palavra negro**. Revista Matriz: uma revista de arte negra. Grupo Caixa Preta, Porto Alegre, RS. Novembro de 2010. Disponível em: <https://www.cuti.com.br/ensaioquemtemmedodapalavranegro>. Acesso em: 04 jun. 2021.
[EVARISTO, Conceição](#). **Escrevivência**. 06 fev. 2020. 1 vídeo (23 min 17 s). Publicado pelo canal Leituras Brasileiras. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>. Acesso em: 04 jun. 2021.

[FERREIRA, Anne de Matos Souza.; COELHO, Wilma de Nazaré Baía](#). Ações dos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros (NEABs) institucionalizados dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFETs) no período de 2006 a 2017. **Revista Exitus**, [S.l.], v.9, n.5, p.215-242, 2019. Disponível em: <http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/1106>.

Acesso em: 29 abr. 2021.

[FREIRE, Paulo](#). **Extensão ou comunicação?** 13. ed. São Paulo: Paz & Terra, 1977.

[GLOBO](#). Brasil tem novas manifestações contra o racismo após morte de João Alberto. **O Globo**, Rio de Janeiro, 22 de nov. de 2020. Sociedade. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/brasil-tem-novas-manifestacoes-contraracismo-apos-morte-de-joao-alberto-24760274>. Acesso em: 15 abr. 2021.

[HOOKS, bell](#). **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

[FOUCAULT, Michel](#). **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

[GOMES, Nilma Lino](#). Intelectuais negros e produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira. *In*: SANTOS, Boaventura de Souza, MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

[GONZALEZ, Lélia](#). **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. *In*: SILVA, L. A. *et al.* Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos. Ciências Sociais Hoje, Brasília, ANPOCS, n. 2, p. 223-244, 1983.

[GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo](#). Depois da democracia racial. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v.18, n. 2. p. 269-287, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ts/v18n2/a14v18n2>. Acesso em: 01 abr. 2021.

[IBGE](#). Censo 2010: Resultados. [Rio de Janeiro]: IBGE, Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/resultados.html>. Acesso em: 10 abr. 2021.

[KILOMBA, Grada](#). **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Tradução Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

[KRENAK, Ailton](#). **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

[KROEF, Renata Fischer da Silveira](#); [GAVILLON, PótiQuartiero](#); [RAMM, Laís Vargas](#). Diário de Campo e a Relação do(a) Pesquisador(a) com o Campo-Tema na Pesquisa-Intervenção. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 464-480, ago. 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/52579/34238>. Acesso em: 04 jun. 2021.

[LAGUARDIA, Josué](#). O uso da variável "raça" na pesquisa em saúde. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 197-234, julho de 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312004000200003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 01 abr. 2021.

[LOURAU, René](#). **A análise institucional**. Editora Vozes: Petrópolis, 1975.

[MARTINS, Zilda; BASTHI, Angélica; JULIE, Raika; MOURA, Amanda; MICHELLE, Lúdia.](#) Do racismo epistêmico às cotas raciais: A demanda por abertura na universidade. **Revista ECO-Pós**, v. 21, n. 3, p. 122-146, 2018. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/20276. Acesso em: 4 jun. 2021.

[MOORE, Carlos.](#) **Racismo e sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

[NASCIMENTO, Beatriz.](#) Meu Negro Interno. In: NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: Possibilidade nos dias da destruição.** São Paulo: Editora Filhos da África, 2018.

[OLIVEIRA, Lúcia Conde de; FILHO, Carlos Eduardo Esmeraldo; QUEIROZ, Danielle Maya de.](#) Tensão entre modelo biomédico e estratégia da família: a visão dos trabalhadores de saúde. **Revista de Aps**, 20(1): 98-106, 2017. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-848754>. Acesso em: 04 jun. 2021.

[PETTRES, Andreia Assmann; DA ROS, Marco Aurélio.](#) A determinação social da saúde e a promoção da saúde. **Arquivos Catarinenses de Medicina**, v. 47, n. 3, p. 183-196, 2018. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-915936>. Acesso em: 04 jun. 2021.

[QUIJANO, Aníbal.](#) Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (org.). **A colonialidade do saber eurocentrismo e ciências sociais.** Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 117-142. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em: 04 jun. 2021.

[RIBEIRO, Djamila.](#) **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

[SCHUCMAN, Lia Vainer.](#) Branquitude e privilégio. In: SILVA, M. L. da; FARIAS, M.; OCARIZ, M. C. & NETO, A. S. (Orgs.). **Violência e sociedade: o racismo como estruturante da sociedade e da subjetividade do povo brasileiro** (p. 137-150). São Paulo: Escuta, 2018.

[SILVEIRA, Raquel da Silva et al.](#) Violência Urbana e Sofrimento Psíquico em Usuárias(os) Negras(os) do Sistema Único de Saúde (SUS). In: SILVEIRA, Raquel da Silva et al. (Orgs.). **Psicologia e Relações Raciais: um percurso em construção.** Florianópolis: ABRAPSO/UFRGS, 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/neparc/wp-content/uploads/2021/02/Psicologia-e-Relacoes-Raciais-Versao-Digital.pdf>. Acesso em 10 jan. 2023.

[SOARES, Elaine](#) (Coord.). **Semeando o Baobá: implementação da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra em Porto Alegre.** Porto Alegre, RS: Secretaria Municipal de Saúde, 2018. 2 v. il. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/neparc/wp-content/uploads/2022/04/Livro-Semeando-o-Baoba-Implementacao-da-Politica-Nacional-de-Saude-Integral-da-Populacao-Negra.pdf>. Acesso em 10 jan. 2023.

[WERNECK, Jurema](https://www.scielo.br/j/sausoc/a/bJdS7R46GV7PB3wV54qW7vm/?lang=pt&format=pdf). Racismo institucional e saúde da população negra. **Saúde soc.**, São Paulo, v. 25, n.3, p.535-549, set. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/bJdS7R46GV7PB3wV54qW7vm/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 04 jun. 2021.